

APROXIMAÇÕES ENTRE LITERATURA E EROTISMO NA FILOSOFIA DE GEORGES BATAILLE

Maria Augusta Martins Gonçalves Dias (PIC/UEM), Cristiano Perius (Orientador),
e-mail: maria.augusta.1505@gmail.com

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas Letras e Artes
/Maringá, PR.

Ciências Humanas: Filosofia: Estética e Filosofia da Arte

Palavras-chave: erotismo, poesia, transgressão

Resumo:

Colhemos aqui os resultados de uma aproximação entre os conceitos de erotismo e literatura, segundo a filosofia de Georges Bataille. Como ele explica em seu livro homônimo, de 1957: o erotismo elabora uma dinâmica entre os interditos postos no âmbito trabalho (mundo profano) e a sua transgressão limitada (mundo sagrado). Esta dinâmica ontológica, aplicável aos estudos das mais diversas manifestações do ser, pôde ser vista na literatura à medida em que ela coloca em questão a linguagem profana, abre espaço para a linguagem poética. Resulta disto que, quando um escritor, em posição insubordinada à utilidade, recusa subjugar-se ao discurso nacionalizante, transgride a esfera produtiva da palavra e, analogicamente ao erotismo, lança-nos ao campo simbólico do indeterminado, do sagrado, do eterno.

Introdução

Na introdução à obra *O Erotismo* (1957), Georges Bataille assume: o erotismo e a poesia “[...] nos conduz à eternidade” (BATAILLE, 2014, p.48). Ele lança mão ao poema de Rimbaud, *L'éternité*, para expressar a ideia de que a poesia é aquilo que não se pode conhecer, apenas experimentar: “Elle est retrouvée./ Quoi? L'éternité/ C'est la mer allée/ Avec le soleil.”¹ (RIMBAUD apud BATAILLE, 2014, p.48) Por meio de uma imagem, o poema mostra a dinâmica do erotismo, enigma passível de solução pela compreensão dos conceitos *interdito* e *transgressão*. O jogo entre os dois, para Bataille, está na base da dinâmica cultural.

O surgimento da vida social humana, exigiu o distanciamento ontológico do homem em relação à natureza, sua brutalidade e violência, pela fabricação de ferramentas úteis e o estabelecimento de *interditos*. Por meio deles, o mundo do trabalho se funda, rechaça e exclui – instaurado sobre o fenômeno da morte e a sexualidade – a violência do curso habitual da natureza. O trabalho resulta da organização, ordenação para a busca da sobrevivência, leva a consciência de necessidades e limites, se opõe aos movimentos de excesso e desordem: a liberdade reprodutiva e a decomposição dos corpos. O trabalho, como tempo do

¹ “Ela foi reencontrada. / O que? A eternidade. / É o mar partido / Com o sol.”

acúmulo, não aceita o dispêndio de energia e valor nestas atividades. Pelo interdito o mundo do trabalho se delinea, e pela necessidade do trabalho os interditos são definidos. São, por exemplo, a conduta sexual submetida a regras (a proibição do incesto, monogamia, etc.), ou ainda imposições sobre a morte e seus signos (o sepultamento, a proibição do assassinato, etc.).

Todavia, “subsiste no homem um movimento que sempre *excede* os limites, e que jamais pode ser reduzido senão parcialmente.” (BATAILLE, 2014, p.63, grifo do autor). Assim, Bataille nos mostra que: “Nunca, com efeito, os homens opuseram à violência [...] um *não* definitivo. Em momentos de desfalecimento, eles se fecharam ao movimento da natureza: tratava-se de um *tempo* de parada, não de uma imobilidade derradeira. (BATAILLE, 2014, p.86, grifo do autor). O interdito não é ruptura, mas acordo com a violência: é o espaço de tempo no qual a sua negação prevalece, mas ela não se sustenta indefinitivamente. Sempre há um retorno à desordem natural como uma superação e elaboração dela. Os indivíduos, repetidamente, incorporam a violência à dinâmica social durante períodos determinados. O mundo humano, afirma Bataille, “*formado na negação da animalidade, ou da natureza, nega a si mesmo e, nessa segunda negação, se supera sem, todavia, voltar ao que negara inicialmente*” (BATAILLE, 2014, p.109, grifo do autor). O nome de tal superação: *transgressão*.

As transgressões (o assassinato, a guerra, o sacrifício religioso, o adultério, a orgia, a prostituição, a festa etc.) abrem acesso para além dos limites ordinariamente observados, *mas reservam esses limites*. Portanto, a violação transgressora também está sujeita a regras, é racionalizada e organizada: “*em tal momento e até esse ponto, isso é possível*” (BATAILLE, 2014, p.89, grifo do autor). A transgressão funda o mundo *sagrado*, abre espaço dentro do que Bataille chamou de mundo *profano*: “O mundo *profano* é aquele dos interditos. O mundo *sagrado* se abre a transgressões limitadas” (BATAILLE, 2014, p.91, grifo do autor). Assim, é profana a interdição, a delimitação, a objetividade e a utilidade que fundam a individualidade dos seres ordenadamente; seria sagrada a transgressão de tudo isto, a dissolução de limites, a violência, a morte, o sacrifício, o erotismo, etc., que desequilibram e desordenam, pela abertura momentânea de suas fronteiras, seres distintos.

Materiais e Métodos

O PIC deu-se como uma revisão de literatura aplicada à um problema filosófico e a sua resolução nos moldes batailleanos. Os materiais consistiram em textos, disponíveis online ou impressos. Selecionados mais de 120 arquivos no processo (entre teses e dissertações acadêmicas, livros e artigos), o material foi catalogado progressivamente no gestor bibliográfico *Zotero*. Criou-se um arsenal de referências amplo em temáticas relacionadas a obra de Bataille (visando inclusive projetos futuros), que serviu para atribuir prioridade, ou não, à leitura de cada material. Atribuiu-se centralidade às obras filosóficas de Bataille, mas destacaram-se também alguns comentadores, como Michel Foucault e Anderson Barbosa Camilo. Localizados os conteúdos indispensáveis, a discussão e seus frutos foram organizados em um relatório final em formato de texto dissertativo-argumentativo.

Resultados e Discussão

Tanto o erotismo como a literatura nascem da dinâmica entre interdito e transgressão. A última contesta a “lei da linguagem”, quando cala o discurso instrumentalizado. Se expressa de forma a subjugar ao domínio da utilidade, é avessa ao princípio de produtividade, visto que o ato literário, em si mesmo, é puramente dispendioso. Para Bataille, a literatura é um “vazio no seio da linguagem”; irreduzível a quaisquer fins que não sejam postos nela mesma, insubordinável a ordem discursiva vigente, que opera acúmulo de energia e valor. Está próxima ao sagrado, pois, como arte, é transbordamento e contestação da objetividade, ida ao limite, experiência de abertura à infinitude. Soberana, a literatura nega-se a servir, recusa até mesmo à ação prática e ao engajamento político: teria o mesmo lema do demônio, “*Non serviam*”, é diabólica. Mesmo assim, não deixa de operar uma contestação de fato da ordem das coisas. É quando a linguagem, oscilando sobre si mesma, subverte princípios lógico-discursivos e a instrumentalização das palavras.

Referindo-se a ação poética, Bataille afirma: “escapei por ela do mundo do discurso, transformado para mim no mundo natural, eu entrei com ela em um tipo de tumba onde o infinito do possível nascia da morte do mundo lógico. (BATAILLE, 2015, p.325). Nesta tumba onde nos deparamos com o que é impossível, a poesia “[...] nega, e destrói, a realidade próxima porque vê nela a tela que nos dissimula a figura verdadeira do mundo” (BATAILLE, 2017^a, p.79). Pela poesia, violenta tal qual o erotismo, alçamos voo além de nossos limites humanos, sociais e linguísticos. Ela é, em primeiro lugar, espaço para o trágico, o erótico, o cômico, o heroico... em última instância, o inumano, o impensável. É sempre um risco, explora a falha no sistema de linguagem que limita e isola nossa consciência ao âmbito de um discurso que nunca é capaz de expressar a totalidade. Transgressiva, pretendo retorno a natureza primitiva do homem, por meio da negação da relação vigente entre coisa e significado, a elaboração poética abre acesso ao sagrado, ao mistério. Para Bataille, o escritor reivindica “a recusa à ‘significação’, o absurdo daquilo que a princípio é dado ao espírito como coerência bem acabada” (BATAILLE, 2001, p.150).

A “linguagem-absurdo”, a “anti-linguagem” literária, opera por um apagamento: nela, nada se assemelha àquilo que se diz cotidianamente, nada é verdadeiro e distinto, apenas simulação dissoluta e figurativa em espaço desconhecido. A poesia é como o sacrifício, um dos tipos de erotismo identificados por Bataille, porém no campo da linguagem, ou seja, ideal. Ela é o sacrifício em que as palavras são vítimas, pois na poesia as palavras do cotidiano são esvaziadas de seu sentido útil, alçam sentidos infinitamente mais amplos. Assim como a cultura humana se funda, definitivamente, pelas recorrentes negações do interdito, dentre elas o erotismo; a linguagem só é verdadeiramente humana porque não se encerra ao mundo profano, mas o supera, incorporando e abrindo espaços ali para elementos do incognoscível. E por uma experiência transgressiva, sagrada e erótica que se arranca as palavras de sua eficiência servil e lhes dá sentido literário.

Conclusões

A poesia coloca em questão nossa rede de significações mais comum. Por sua vez, a dinâmica de transgressiva que nela opera chama a pesar a experiência de ausência de sentido, inclusive na filosofia. Por mais que usada estritamente para entender os objetos selecionados nesta pesquisa (literatura e erotismo), a relação interdito-transgressão funciona, como propõe Bataille nos usos que dela faz, como ferramenta ontológica e filosófica aplicável aos estudos dos mais diversos âmbitos da cultura. Em *Prefácio à transgressão* (2009), Michel Foucault comenta que a própria filosofia deveria, assim como desenvolveu uma linguagem dialética, elaborar uma linguagem que incorpore essa relação. Linguagem desafiadora, que vai transgressivamente ao limite do que pode ser conhecido. Teria como ponto de partida a ideia de que contradições materiais e simbólicas jamais se resolvem numa totalidade absoluta ou movimento homogeneizador. O movimento entre profano e sagrado, em última instância, positividade e negatividade, não seria passível de apaziguamentos, segundo a filosofia batailleanos.

A transgressão de limites está no âmago da experiência humana (erótica, social, religiosa, existencial, etc.), e sempre volta a acontecer, trazendo à tona o incompreensível, expondo e dilatando, no seio do mundo ordenado, sua falha em negar o tumulto natural que pertence a vida. No caso da experiência literária, ela “*conduz ao mesmo ponto que cada forma de erotismo, à indistinção, à confusão dos objetos distintos.*” (BATAILLE, 2014. p. 48, grifo do autor), porque tudo que é poético opera o *movimento eterno* de intercalação entre interdições e transgressões, tal qual o rompimento de uma linha limite, que logo em seguida se delinea recompondo-se um horizonte intransponível (FOUCAULT, 2009, p. 32). Movimento tal que só poderia ser *experienciado*, jamais conhecido absolutamente, para isso Bataille recorre ao mar de Rimbaud: linha do horizonte que há de ser partida eterna e repetidamente pelo sol.

Agradecimentos

Agradeço a UEM e ao Departamento de Filosofia, em especial ao meu orientador Cristiano Perius, e também ao amigo e pesquisador Lucas R. Lopes.

Referências

BATAILLE, Georges. *La felicidad, el erotismo y la literatura: Ensayos 1944-1961*. Trad. Silvio Mattoni. Buenos Aires: Adriana Hidalgo editora, 2001.

_____. *O erotismo*. Autêntica Editora. Belo Horizonte, 2014.

_____. *Poemas / Georges Bataille*. Coleção: Fora de Série. Trad. Alexandre Rodrigues da Costa; Vera Casa Nova. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

_____. *A literatura e o mal*. Autêntica Editora. Belo Horizonte, 2017a.

31º Encontro Anual de Iniciação Científica
11º Encontro Anual de Iniciação Científica Júnior



10 e 11 de novembro de
2022

FOUCAULT, Michael. Prefácio à transgressão. *In*: FOUCAULT, Michael (Ed.). *Ditos e escritos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.